

Quando a nau deixou a corrente do rio Oceano e enfrentou as vagas do mar de largos caminhos e chegou à ilha de Eéia, onde reside a madrugadora Aurora com seus coros, e onde se ergue Hélio, logo puxamos a embarcação à areia, pusemos pé em terra e nos deitamos a dormir, aguardando a brilhante Aurora.

Logo que surgiu a madrugadora Aurora de róseos dedos, enviei os companheiros ao palácio de Circe, a fim de trazerem o corpo sem vida de Elpenor. Tendo cortado uns toros, no local mais elevado do promontório, incineramo-lo, com o coração angustiado e vertendo copiosas lágrimas. Depois que a chama consumiu o cadáver e as armas do falecido, erigimos-lhe um túmulo, no qual plantamos uma estela, e, em cima desta, colocamos um ramo muito flexível¹. Estávamos cumprindo todos os ritos, quando Circe, que não ignorava nossa volta do Hades, se deu pressa em acorrer, ataviada, em companhia de escravas, que traziam pão, carne em abundância e vinho tinto de ígneos reflexos. Colocando-se no meio de nós a preclara deusa disse: “Infelizes, que em vida baixastes à morada de Hades, e que morrereis duas vezes, quando os demais homens só uma vez morrem, vamos, comei destes alimentos, bebei deste vinho, durante todo o dia. Logo que despontar a Aurora retomareis a viagem por mar. Mostrar-vos-ei a rota, dar-vos-ei todas as informações, de sorte que nenhum artifício funesto, no mar ou na terra, vos crie novos trabalhos”.

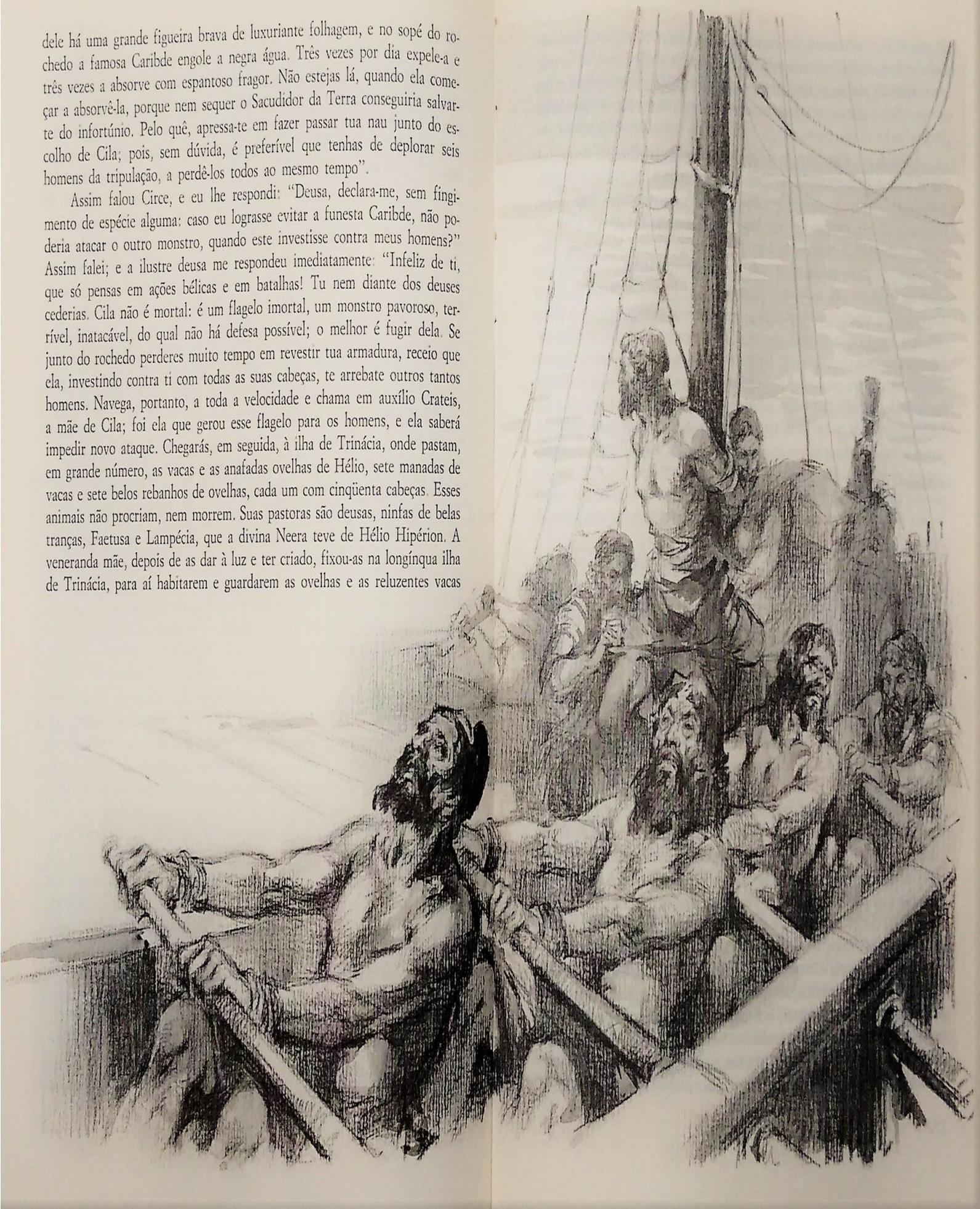
Assim falou, e nosso generoso coração lhe obedeceu. Durante o dia inteiro, até o pôr-do-sol, ali ficamos, entre nós dividindo carnes em abundância e saboroso vinho. Posto o sol e sobrevindas as trevas, meus homens foram dormir junto das amarras; mas Circe, tomando-me pela mão, fez-me sentar longe deles, deitou-se a meu lado e interrogou-me sobre tudo quanto havia acontecido. Contei-lhe tudo, como era de justiça. Então a preclara Circe me dirigiu estas palavras: “Toda essa primeira provação está concluída. Escuta agora o que vou dizer-te; aliás, um deus de novo te recordará isso mesmo. Chegarás, primeiro, à região das sereias, cuja voz encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém, sem dar por isso, delas se avizinha e as

escuta, nunca mais sua mulher nem seus filhos pequeninos se reunirão em torno dele, pois que ficará cativo do canto harmonioso das sereias. Residem elas num prado, em redor do qual se amontoam as ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo. Prossegue adiante, sem parar; com cera doce como mel amolecida tapa as orelhas de teus companheiros, para que nenhum deles possa ouvi-las. Tu, se quiseres, ouve-as; mas, que em tua nau ligeira te atem pés e mãos, estando tu direito, ao mastro, por meio de cordas para que te seja dado experimentar o prazer de ouvir a voz das sereias. Se acaso pedires e instares com teus homens que te soltem, que eles te prendam com maior número de ligaduras. Em seguida, quando tiverem passado além das sereias, não te direi com precisão qual das duas rotas deverás seguir; cabe a ti decidir em teu coração. Entretanto, vou falar-te a respeito de uma e outra. De um lado, erguem-se rochedos a pique, de encontro aos quais vêm quebrar-se, estrondosos, os vagalhões de Anfitrite de olhos sombrios. ‘Planctas’ é o nome que lhes dão os deuses bem-aventurados. Perto do primeiro não pode passar nenhuma ave, nem sequer as tímidas pombas, que levam a ambrosia a Zeus Pai; cada vez que por ali voam, o polido rochedo arrebatava uma, e o Pai tem de enviar outra para preencher o número. O segundo jamais foi transposto por alguma nau com tripulação humana, arribada àquelas paragens, porque as vagas do mar e os turbilhões do fogo devorador arrebataam as tábuas das embarcações e os corpos dos marinheiros. Só uma nau de longo curso conseguiu ultrapassá-lo: a Argos, cantada à porfia por todos os aedos, no seu regresso do país de Eetes; mas também essa, as ondas a teriam despedaçado contra os grandes rochedos, se Hera, por amor de Jasão, a não tivesse feito passar. Desses dois rochedos, um toca o vasto céu com seu pico agudo; envolve-o sombria nuvem, que jamais se dissipa; nunca em volta dele o céu se mostra cristalino, quer no verão, quer no outono; e nenhum mortal, mesmo que tivesse vinte mãos e vinte pés, conseguiria escalá-lo ou manter-se no cimo, pois que o rochedo é liso, dir-se-ia que alainado. A meia altura do escolho abre-se uma soturna caverna, voltada para oeste, na direção do Érebo; por esse lado, ilustre Ulisses, deves dirigir a bojuda nau. Nenhum homem, por robusto que seja, poderia, desde sua nau, atingir com uma flecha o fundo da caverna. Lá dentro mora Cila, a terrível ladradora. Apesar de sua voz não ser mais forte que a de uma cadela recém-nada, é, no entanto, um monstro horroroso, que ninguém se alegraria de ver, nem mesmo um deus que a encontrasse. Tem doze pés, todos disformes; e seis pescoços de descomunal grandeza, cada um dos quais termina por uma cabeça medonha, cada uma das quais com uma goela de três séries de dentes, juntos, imbricados, cheios das trevas da morte. Metade de seu corpo se interna na concavidade da caverna; estende as cabeças fora do terrível abismo, e desde aí, explorando o rochedo, pesca delfins e cães do mar e, por vezes, também algum monstro mais corpulento, daqueles que Anfitrite de sonorosos mugidos alimenta em número indefinido. Não há marinheiros que se possam jactar de por ali terem passado, sem haverem perecido com suas naus; Cila, com cada uma de suas cabeças, arrebatava todos os homens das naus de proa sombria. Quanto ao outro escolho, tu, Ulisses, verás que é menos elevado. Estão muito chegados um ao outro. Uma de tuas flechas transporia a distância que entre eles medeia. Em cima

¹ Se se considerar interpolado o episódio de Elpenor, os cinco versos anteriores servem apenas de ligação.

dele há uma grande figueira brava de luxuriante folhagem, e no sopé do rochedo a famosa Caribde engole a negra água. Três vezes por dia expele-a e três vezes a absorve com espantoso fragor. Não estejas lá, quando ela começar a absorvê-la, porque nem sequer o Sacudidor da Terra conseguiria salvarte do infortúnio. Pelo quê, apressa-te em fazer passar tua nau junto do escolho de Cila; pois, sem dúvida, é preferível que tenhas de deplorar seis homens da tripulação, a perdê-los todos ao mesmo tempo”.

Assim falou Circe, e eu lhe respondi: “Deusa, declara-me, sem fingimento de espécie alguma: caso eu lograsse evitar a funesta Caribde, não poderia atacar o outro monstro, quando este investisse contra meus homens?” Assim falei; e a ilustre deusa me respondeu imediatamente: “Infeliz de ti, que só pensas em ações bélicas e em batalhas! Tu nem diante dos deuses cederias. Cila não é mortal: é um flagelo imortal, um monstro pavoroso, terrível, inatacável, do qual não há defesa possível; o melhor é fugir dela. Se junto do rochedo perderes muito tempo em revestir tua armadura, receio que ela, investindo contra ti com todas as suas cabeças, te arrebate outros tantos homens. Navega, portanto, a toda a velocidade e chama em auxílio Crateis, a mãe de Cila; foi ela que gerou esse flagelo para os homens, e ela saberá impedir novo ataque. Chegarás, em seguida, à ilha de Trinácia, onde pastam, em grande número, as vacas e as anafadas ovelhas de Hélio, sete manadas de vacas e sete belos rebanhos de ovelhas, cada um com cinqüenta cabeças. Esses animais não procriam, nem morrem. Suas pastoras são deusas, ninfas de belas tranças, Faetusa e Lampécia, que a divina Neera teve de Hélio Hipérion. A veneranda mãe, depois de as dar à luz e ter criado, fixou-as na longínqua ilha de Trinácia, para aí habitarem e guardarem as ovelhas e as reluzentes vacas



do pai. Se lhes não fizeres mal, e cuidares apenas do teu regresso, podereis ainda arribar a Ítaca, não sem primeiro sofrerdes provações; mas, se as maltratares, então prevejo a perda de tua nau e de teus homens; e, embora evites a morte, só tarde e em mísero estado voltarás à terra pátria após haver perdido todos os companheiros”.

Assim falou, e logo surgiu a Aurora de áureo trono. Então a deusa ilustre se retirou para o interior da ilha; e eu, voltando à nau, exortei os companheiros a que embarcassem e soltassem as amarras da popa. Sem tardar, subiram a bordo, sentaram-se nos bancos, cada um em seu posto, e com os remos levantavam a espuma do mar. Pela ré de nossa nau de proa sombria, um vento propício enfunava as velas, excelente companheiro, enviado por Circe de belas tranças, a deusa terrível dotada de linguagem humana. Postos em ordem os aprestos, permanecíamos sentados pela nau: o vento e o piloto nos guiavam. Com o coração angustiado, disse então a meus companheiros: “Amigos, os oráculos, que me foram revelados por Circe, ilustre entre as deusas, não devem ser conhecidos apenas por um ou dois de nós; vou, pois, comunicá-los a todos, para que saibais o que nos pode perder, e o que nos pode preservar da quere fatal. Ordena-nos ela que, antes de mais nada, evitemos as enfeitadoras sereias, sua voz divinal e seu prado florido; aconselha que só eu as ouça. Mas atai-me com laços bem apertados, de sorte que permaneça imóvel, de pé, junto ao mastro, ao qual deverei estar preso por cordas. Se vos pedir e ordenar que me desligueis, apertai-me com maior número de laços”.

Enquanto eu falava, expondo tudo em pormenor a meus companheiros, a bem construída nau não tardou em alcançar a ilha das sereias, porque um vento favorável lhe apressava a marcha. Mas, de repente, cessou o vento e sobreveio a calma, tendo uma divindade adormecido as ondas. Meus homens, tendo-se levantado, enrolaram as velas e lançaram-nas no porão; em seguida, sentando-se novamente, faziam saltar a espuma com os polidos remos de abeto. Eu, depois de ter cortado com o bronze afiado da espada um grande pedaço de cera, amassei os pedaços com minhas mãos fortes. Logo a cera amoleceu, mercê da grande força e do brilho do Rei Hélio, filho de Hipérion. Com ela tapei as orelhas de todos os meus companheiros, a cada um por sua vez. Eles me ligaram as mãos e os pés, permanecendo eu direito junto ao mastro, ao qual me ataram com cordas. Depois, sentados, continuaram ferindo com os remos o alvamento mar. Quando já estávamos à distância de alguém, gritando, se fazer ouvir, redobram de velocidade, mas a nau que veloz singrava sobre as ondas e perto das sereias não lhes passou despercebida. Súbito, entoaram este harmonioso canto: “Vem aqui, decantado Ulisses, ilustre glória dos aqueus; detém tua nau, para escutares nossa voz. Jamais alguém por aqui passou em nau escura, que não ouvisse a voz de agradáveis sons que sai de nossos lábios; depois afasta-se maravilhado e conhecedor de muitas coisas, porque nós sabemos tudo quanto, na extensa Tróade, argivos e troianos sofreram por vontade dos deuses, bem como o que acontece na nutricia terra”. Assim elas cantavam, e suas magníficas vozes inundavam-me o coração com o desejo de as ouvir, de sorte que, com um movimento das sobranceiras, ordenei aos companheiros que me soltassem; eles, porém, curvados sobre os re-

mos, continuavam remando; mas, imediatamente, Perímedes e Euríloco, tendo-se levantado, prenderam-me com laços mais numerosos e os apertaram com mais força. Depois que passamos as sereias e não mais lhes ouvimos a voz nem o canto, meus fiéis companheiros retiraram a cera com que lhes tapara os ouvidos e libertaram-me das cordas.

Apenas abandonamos a ilha, enxerguei imediatamente, através da cerração do ar, enormes vagalhões e percebi-lhes o fragor. Meus homens se assustaram; os remos voaram-lhes das mãos e caíram à tona da água com um ruído surdo; a nau ficou parada, porque eles não mais manobravam os afiados remos. E eu, correndo de ponta a ponta da embarcação, abeirando-me de cada um dos companheiros, os exortava com brandas palavras: “Amigos, já temos a experiência dos infortúnios. A desgraça, que sobre nós impende, não é de certo maior do que quando o ciclope nos encerrou, com toda a violência de sua força, no fundo de seu antro. Contudo, mercê de minha valentia, de meus conselhos e prudência, logramos fugir dali, e disso, penso eu, estais bem lembrados. Agora, tende ânimo, e obedeci todos ao que vou dizer: permaneci sentados nos bancos, feri o mar com os remos, enterrando-os profundamente na água; talvez Zeus consinta em que evitemos este perigo e nos salvemos da morte. Para ti, piloto, esta é a minha ordem; grava-a no espírito, pois que tens em mãos o leme da côncava nau: afasta-a daquela cerração e daquelas vagas; passa rente ao outro escolho, não suceda que, sem dares por isso, ela saia da linha, e nos precipite a todos na desgraça”.

Assim falei, e, sem tardar, todos obedeceram a minhas ordens. Nada mais lhes disse a respeito da inevitável praga de Cila, porque talvez eles, de medo, cessassem de remar e se fossem ocultar no fundo do porão. Todavia esqueci-me da penosa recomendação de Circe. Proibira-me ela que tomasse qualquer de minhas armas; mas eu, tendo revestido minha gloriosa armadura e empunhando duas compridas lanças, fui postar-me no castelo da proa, donde esperava descobrir Cila, a moradora do rochedo, tão logo ela se manifestasse, investindo contra meus companheiros, a fim de os perder. Por mais que meus olhos se fatigassem, explorando em todas as direções o brumoso rochedo, não consegui lobrigá-la.

Navegávamos, pois, ao longo do estreito, lamentando-nos. De um lado acha-se Cila e, do outro, a famosa Caribde que com terrível fragor engole a água salgada. Quando a vomita, todo o mar entra a agitar-se, efervescente, como a água de um caldeirão em cima de uma fogueira: a espuma jorra até o alto dos escolhos e recai sobre eles. Depois, quando de novo engole a água salgada, vemo-la borbotar toda, na profundidade, aparecendo por baixo o fundo de negra areia. Meus companheiros, de pavor, se tornaram lívidos.

Temerosos da morte, encarávamos Caribde. Nesse momento, Cila arrebatou do côncavo da nau seis de meus homens, os melhores pela força de seus braços. Ao desviar a vista para a ligeira nau e para os companheiros, só distingui os pés e as mãos destes levantados no ar: gritavam, chamando por mim, com o coração alanceado de angústia, proferindo, uma derradeira vez, o meu nome. Assim como, quando um pescador, instalado na saliência de um rochedo, atira aos peixinhos a isca enganadora na ponta de comprida vara e

lança ao mar um chifre de boi dos campos², vemos que ele puxa para terra a presa palpitante; assim meus companheiros se debatiam, içados de encontro às pedras, e Cila, à porta de seu antro, os devorava, enquanto eles, gritando, e vítimas de horrível angústia, estendiam para mim os braços. Esse, o mais lancinante espetáculo por meus olhos presenciado durante minha penosa peregrinação por sobre as águas do mar.

Quando conseguimos fugir dos escolhos, da terrível Caribde e de Cila, em breve aportamos à ilha admirável do deus, onde se encontravam as bonitas vacas de larga frente e as numerosas e anafadas ovelhas de Hélio Hipérion. Vogava ainda no alto-mar, em minha nau escura, quando comecei a ouvir o mugido das vacas, dentro do cercado, e o balido das ovelhas. Acudiram-me ao espírito as palavras do cego adivinho Tirésias de Tebas, e as de Circe de Eéia; ambos me haviam insistentemente recomendado que evitasse a ilha de Hélio encantador dos mortais. Com o coração angustiado, disse então aos companheiros: "Amigos, apesar de vossos sofrimentos, escutai minhas palavras; deixai que vos revele as profecias de Tirésias e de Circe de Eéia, que tanto me recomendaram que evitasse a ilha de Hélio encantador dos mortais. Predisseram-me que, aí, nos aguardava horrível desgracia. Pelo quê, conduzi a nau à distância da ilha".

Assim falei, e o coração se lhes confrangeu. Imediatamente Euríloco me respondeu em termos arrogantes: "És cruel, Ulisses! Tua força permanece intacta, e teus membros não sentem a fadiga; na verdade, tens um arcabouço de ferro. Não permites que teus companheiros, exaustos de cansaço e de falta de sono, ponhamos pé em terra, nesta ilha cercada pelas ondas, onde prepararíamos uma suculenta ceia; ao invés, nos ordenas que, através da noite que em breve sobrevirá, prossigamos errantes sobre o mar brumoso, longe da ilha. São filhos das noites os impetuosos ventos, destruidores de naus. E como esquivar-nos à brusca morte, se de súbito nos acoisa uma tempestade, ou do Noto ou do Zéfiro de sopro furioso, desses ventos que, num ápice, desmantelam uma embarcação, a despeito da vontade dos deuses soberanos? Precisamos ceder à negra noite. Preparemos a ceia junto da ligeira nau. Ao romper da alva, de novo embarcaremos e nos faremos ao largo".

Assim falou Euríloco, por entre os aplausos dos demais companheiros. Contudo, eu, conhecendo os males que um deus meditava, ergui a voz e lhe dirigi estas palavras aladas: "Euríloco, força-me a concordar, por eu estar só contra todos. Mas prestai-me todos solene juramento: se encontrarmos uma manada de vacas ou um rebanho de ovelhas, nenhum de vós, por louca temeridade, mate uma vaca ou uma ovelha; contentai-vos com comer os víveres que a imortal Circe nos deu".

Assim falei, e eles sem tardar juraram abster-se do rebanho divino, como eu ordenara. Depois de haverem jurado e concluído o juramento, fundeamos a bem construída nau no porto dominado por altas margens, perto de uma fonte de água doce; meus companheiros desembarcaram e cuidadosamente fo-

² Verso obscuro e suspeito. Podemos interpretá-lo da seguinte maneira: ou o chifre de boi, formando um tubo oco, protege a extremidade da linha contra a mordedura do peixe; ou o chifre, puxado rapidamente e girando sobre si mesmo, atrai o peixe com seu brilho.

ram preparando a ceia. Uma vez satisfeito o desejo de beber e de comer, lembrando-se dos companheiros arrebatados da côncava nau e devorados por Cila, puseram-se a chorar. E, enquanto choravam, sobreveio o agradável sono.

Passados dois terços da noite, já os astros declinavam para o ocaso, quando Zeus amontoador de nuvens suscitou um terrível Noto, um furacão indizível, e cobriu de nuvens, a um tempo, terra e mar. Então a noite baixou do céu.

E, quando surgiu a madrugada Aurora de róseos dedos, ancoramos a nau, depois de a termos arrastado para o interior de uma côncava gruta, na qual as ninfas formavam seus belos coros de dança e vinham tomar assento. Então reuni minha gente e disse estas palavras: "Amigos, há em nossa nau ligeira víveres e bebida; portanto, não toquemos nas vacas, não vá suceder-nos alguma desgracia. Terrível é o deus a quem estas vacas e anafadas ovelhas pertencem: Hélio, que tudo vê e tudo ouve".

Assim falei, e o coração generoso de meus homens se deixou persuadir. Todo um mês, soprou incessantemente o Noto, sem que nenhum outro vento se levantasse além do Euro e do Noto. Enquanto meus companheiros dispunham de víveres e de vinho tinto, pouparam as vacas, pois desejavam salvar a vida³. Quando, porém, as provisões de bordo se esgotaram, a necessidade os obrigou a irem caçar por aqui e por ali, tomando peixes, aves, tudo quanto lhes vinha à mão, servindo-se de recurvos anzóis, porque a fome lhes torturava o estômago. Então, dirigi-me para o interior da ilha, a fim de orar aos deuses, na esperança de que um deles me indicasse o caminho do regresso à pátria. E, quando, depois de ter andado através da ilha, me encontrei longe dos companheiros, lavei as mãos e, num local abrigado do vento, orei a todos os deuses, moradores do Olimpo, os quais derramaram sobre minhas pálpebras um sono agradável. Entrementes Euríloco começava a dar a seus companheiros este funesto conselho: "Camaradas, tendes passado por muitos sofrimentos. Todos os gêneros de morte são odiosos aos infelizes mortais; mas nada há mais lamentável do que perecer de fome e desse modo cumprir seu destino. Eia, pois! Apoderemo-nos das mais anafadas vacas de Hélio e sacrifiquemo-las aos imortais, senhores do vasto Olimpo. E, se chegarmos a Ítaca, terra de nossos pais, imediatamente construiremos um suntuoso santuário a Hélio Hipérion, no qual colocaremos muitas e magníficas estátuas. Mas, se ele, ressentido contra nós por causa de suas vacas de chifres direitos, se propuser destruir nossa nau, e os deuses nisso consentirem, prefiro acabar de uma vez com a vida, tragado pelas ondas, a deixar-me morrer de inanição por longo tempo numa ilha deserta".

Assim falou Euríloco, e os demais companheiros o aplaudiram. Imediatamente trataram de se apoderar das mais anafadas vacas de Hélio, que andavam perto, pois que as belas vacas de larga frente e de reluzente pelo pastavam a curta distância das naus de proa sombria. Tendo-as cercado, dirigiram preces aos deuses, depois de terem colhido as folhas tenras de um carvalho de elevada copa, visto já não possuírem cevada branca a bordo da nau de só-

³ Sentido fixado no fim do canto XXIV. Outros interpretam: "apesar de seu desejo de sustentar a vida".



lidas bordagens. Feitas as preces, e uma vez degoladas e esfoladas as vacas, separaram os quartos, que recobriram totalmente de gordura, e em cima deles colocaram pedaços de carne ensangüentada. À falta de vinho puro para derramar sobre as oferendas queimadas, fizeram a libação com água e assaram todas as vísceras. Depois de queimados os quartos e comidas as entranhas, trincharam o resto em postas e enfiaram-nas em espetos.

Só então o agradável sono voou de minhas pálpebras. Corri para a nau ligeira e para a praia do mar. Ao chegar junto da nau bojuda, o cheiro penetrante da gordura queimada envolveu-me. Soltando profundo gemido, orei, em altos brados, aos deuses imortais: "Zeus Pai, e demais deuses bem-aventurados e sempiternos, para meu infortúnio me infundistes um sono inexorável, pois que, em minha ausência, meus companheiros maquinaram monstruoso crime".

Sem demora⁴, Lampécia de longo véu se apresentou a Hélio Hipérion, a anunciar que lhe tínhamos matado as vacas. Ele, imediatamente, de coração irritado, disse na assembléia dos imortais: "Zeus Pai e demais deuses bem-

⁴ Já os alexandrinos condenavam os versos que se seguem: se Hélio vê e ouve tudo, não precisa da mensageira Lampécia. A etimologia da palavra "lampécia" mostra que significa um meteoro

aventurados e sempiternos, castigai os companheiros de Ulisses, filho de Laertes, pela insolência de terem matado minhas vacas, que eram toda a minha alegria, em minha ascensão ao céu constelado, ou quando, em meu ocaso, retornava do céu à terra. Se não sofrerem o devido castigo pela morte de minhas vacas, baixarei à morada de Hades e brilharei para os mortos". Zeus, o amontoador de nuvens, lhe voltou em resposta: "Hélio, continua brilhando entre os imortais, e para os mortais sobre a terra produtora de trigo. Quanto a esses homens, em breve fulminarei a sua nau ligeira com meu fúlgido raio e a desmantelarei em pleno mar vinoso".

Isso eu o soube, mais tarde, da boca de Calipso de bela cabeleira, a quem, segundo ele afirmava, o mensageiro Hermes havia referido tais discursos.

Quando descí até a nau ligeira e ao mar, aproximando-me de cada um de meus companheiros, repreendi-os. Não havia, porém, possibilidades de encontrar remédio, porque as vacas já estavam mortas. Os deuses manifestaram-nos imediatamente certos prodígios: as peles dos animais mortos punham-se a andar, as postas de carne nos espetos, tanto as assadas como as cruas, mugiam; dir-se-ia a voz das próprias vacas. Em seguida, meus fiéis companheiros banquetearam-se durante seis dias, pois haviam tomado as mais nédias vacas de Hélio. Mas, quando Zeus filho de Crono enviou o sétimo dia, amainou

o tempestuoso Noto; e nós, tendo embarcado, erguemos o mastro, içamos as brancas velas e fizemo-nos ao largo.

Mal tínhamos deixado a ilha, e não se enxergando nenhuma outra terra, mas somente céu e água, o filho de Crono fez pairar, sobre a côncava nau, uma nuvem sombria, que obscureceu o mar. Não singrou, por longo tempo, a embarcação, porque, súbito, se levantou o Zéfiro sibilando, em borrascoso turbilhão: a violência do vento quebrou ambos os estais do mastro, que caiu para trás, ao mesmo tempo que todos os aparelhos foram jogados na sentina. O mastro, ao tombar sobre a popa, fendeu o crânio do piloto, fraturando-lhe os ossos da cabeça, e ele, como um mergulhador, caiu do castelo, e sua alma generosa se evolou das ossadas. Ao mesmo tempo, Zeus fez ribombar o trovão e despediu seu raio contra a nau, a qual volteou sobre si mesma e se encheu de vapores de enxofre, enquanto meus companheiros, arremessados da nau escura, giravam em torno dela sobre o dorso das ondas, semelhantes a gralhas marinhas; e o deus os privou do regresso à pátria. Eu ia e vinha de uma a outra extremidade da nau, quando um golpe de mar desconjuntou as tábuas do cavername; a quilha desprendeuse e foi arrastada pela vaga; o mastro soltou-se e foi quebrar-se de encontro à quilha. Mas ao mastro estava presa uma correia de antena; dela me servi para atar um ao outro o mastro e a quilha, e sobre eles me sentei, deixando-me levar pelos ventos funestos.

Então o Zéfiro cessou de soprar com a violência de tempestade; mas logo sobreveio o Noto, causa de novas inquietações para meu coração, pois que me faria passar ainda uma vez pela mortal Caribde. Durante a noite inteira vaguei sem rumo e, ao nascer do sol, cheguei ao escolho de Cila e à terrível Caribde. Encontrava-se esta engolindo a água salgada do mar; mas eu, atirando-me à alta figueira, a ela me agarrei como um morcego, sem contudo lograr firmar solidamente os pés nem subir pelo tronco, porque as raízes estavam muito abaixo de mim e os ramos, compridos e grossos, elevavam-se fora do meu alcance, cobrindo com sua sombra Caribde. Conservei-me agarrado, até que o abismo vomitasse de novo mastro e quilha, que, enfim, reapareceram, com grande alegria minha. Na hora em que o juiz, depois de dirimir muitas querelas entre litigantes, se levanta e sai da ágora para ir cear, é que vi os madeiros saírem fora de Caribde. Desprendi-me então e fui cair com fragor no meio do estreito, junto das compridas traves; e, sentando-me em cima delas, comecei a remar com as mãos. O Pai dos homens e dos deuses não permitiu que Cila me avistasse; do contrário, não teria escapado à brusca morte.

Desde ali, durante nove dias, as ondas me arrastaram; ao décimo dia, os deuses me levaram às proximidades da ilha Ogígia, onde habita Calipso de belas tranças, a terrível deusa dotada de linguagem humana, que me dispensou sua amizade e cuidados. Mas por que retomar essa narrativa? Já ontem a contei, em teu palácio, a ti e a tua nobre esposa. Não gosto de repetir a descrição de aventuras já suficientemente conhecidas.